



# ARQUEOCIÊNCIAS 2016

Faculdade de Letras | Universidade do Porto

## Recintos Peninsulares da Pré-História Recente Métodos Multidisciplinares de Investigação

Debate moderado por:

Vitor Oliveira Jorge & Sérgio Monteiro-Rodrigues

17 Março 2016

Anfiteatro Nobre



<http://arqueocienciasflup.weebly.com/>

[arqueocienciasflup@gmail.com](mailto:arqueocienciasflup@gmail.com)

**FICHA TÉCNICA:****TÍTULO:**

ARQUEOCIÊNCIAS 2016, Recintos Peninsulares da Pré-História Recente. Métodos Multidisciplinares de Investigação. Pré-Atas.

**COORDENADORES:**

Maria de Jesus Sanches, Sérgio Monteiro-Rodrigues & Ana Vale

**CAPA:**

Composição de Sérgio Monteiro-Rodrigues sobre foto de Maria de Jesus Sanches

**EXECUÇÃO GRÁFICA:**

Cláudia Manuel Martins da Silva

**ISBN:**

978-989-8351-51-7

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013, e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

Porto, 16 de Março de 2016

# PARADIGMAS, MÉTODOS E CONTEXTOS NO ESTUDO DO RECINTO-MONUMENTO CRASTO DE PALHEIROS (NORTE DE PORTUGAL) DURANTE O III MIL. AC

Maria de Jesus Sanches

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, CITCEM, mjsanches77@gmail.com

## ABSTRACT

This paper is based on the study of the archaeological record and the samples collected in the enclosure-monument of Crasto de Palheiros and discusses the interpretative possibilities of: a. the use of different areas of the site in which samples of macro-remains and faunal remains were sampled; b. the intentional sealing of contexts and depositions related to food and/or socially restricted meals.

The fact that in this Mediterranean ecosystem cattle represent a major social investment in their maintenance, their slaughter and consumption, must be connected to the social obligations of the communities that relate their identity to Crasto (i.e. as their regional political and social centre) is considered.

## KEY WORDS

Chalcolithic; Enclosure-Monument; consumed fauna; macro-remains; architectonic intentional closure.

## 1. INTRODUÇÃO

Na escavação do recinto-monumento Crasto de Palheiros (Murça-Vila Real), que se iniciou em 1995, foram tomadas várias opções metodológicas onde se procuraram conjugar os objectivos da futura musealização (solicitada pelo município de Murça), com a compreensão da sua "criação e uso" durante o tempo de vigência deste sítio (Sanches 2008). Estratigrafias, artefactos e datas absolutas mostraram que a ocupação se estendeu no tempo, indo desde o início do III mil. AC ao séc. II AD, com interrupção entre o início do II e o início do I milénio AC. Porém, nesta exposição desenvolveremos somente a ocupação situada no III mil. AC pois é aquela que é responsável pela criação, desenvolvimento e condenação intencional do recinto calcolítico (Fig. 1).



Fig. 1- Simulação, em desenho esquemático livre, do recinto-monumento Crasto na "fase construtiva" I. São visíveis os Recintos (superior e inferior) rodeados de muralhas (de terra ?), desenvolvendo-se estas no topo de monumentais taludes pétreos. Marcam-se ainda, com "cabanas", as áreas cuja escavação denunciou a existência de estruturas habitacionais (Desenho de Dulcineia Pinto).

## 2. OS PARADIGMAS E OS QUESTIONÁRIOS

Se os arqueólogos estudam obrigatoriamente a “história dos sítios arqueológicos”, qualquer que aquela tenha sido, i.e., não ignorando, ou tratando com menor empenho “o período em que são especialistas”, no caso do Crasto de Palheiros, o questionamento prévio já se inscrevia na procura de um melhor conhecimento das características do povoamento regional do IV e III milénios AC.

A pergunta-chave era: quais as razões de ter havido um investimento arquitectónico tão desmesurado num monumento que aparentava datar do IIIº mil. AC., quando a prospecção arqueológica da região mostrava somente povoados com estruturas habitacionais precárias (Sanches 1997; *Idem* 2000) e, naturalmente, a grande concentração de abrigos com pintura esquemática da Serra de Passos que se situa no horizonte imediato do Crasto de Palheiros?

A prospecção regional, realizada também nas décadas seguintes, continuou a mostrar que se trata de um sítio sem paralelo à escala regional<sup>1</sup> pelo que a articulação necessária com o povoamento da área da bacia do médio Tua (e a continuação do estudo desse mesmo povoamento pré-histórico regional) se afigurou sempre como um método necessário à sua compreensão.

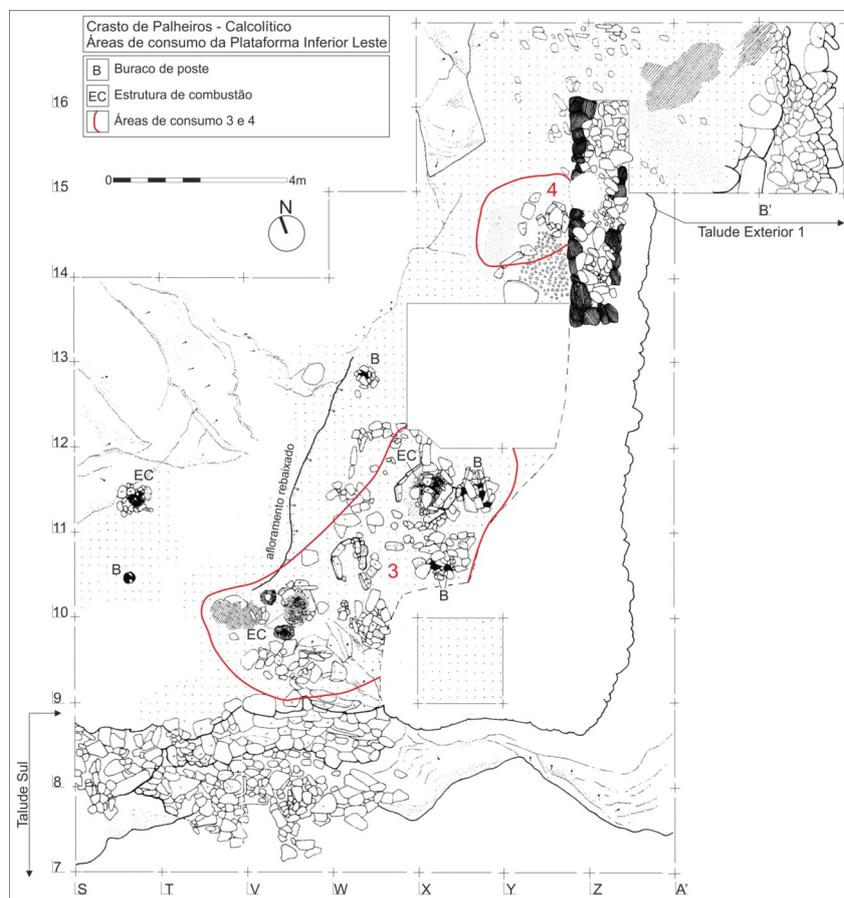


Fig. 2- Áreas de consumo 3 e 4 no Recinto inferior: Plataforma inferior leste, correspondendo à fase construtiva desta plataforma e simulada no desenho da Fig. 1.

No estudo do sítio pela escavação, embora não houvesse qualquer pressuposto específico, a problemática da criação e uso dos recintos, desenvolvida sobretudo na bibliografia anglo-saxónica (BRADLEY 1993) (mas também francesa, belga e alemã), e repensada para a interpretação dos “castros calcolíticos da Península Ibérica” por Susana Jorge em 1994 (JORGE 1994), alertava desde

<sup>1</sup> A Norte do rio Douro pois afinal tanto o Castanheiro do Vento como o Castelo Velho, em Vila Nova de Foz Côa, só distam do Crasto 80 Km em linha recta.

logo para a grande variabilidade destes locais, destacando-se também uma certa multifuncionalidade, mais difícil de caracterizar em cada caso. Opunha-se esta abertura a novas interpretações àquelas visões mais tradicionais que colocavam a tónica numa funcionalidade dominante (e até, por vezes, única) das muralhas: a defesa.

Nessa medida, e dentro das possibilidades técnicas de que então dispúnhamos<sup>2</sup>, adequamos os métodos aos questionários prévios. Naqueles, além da realização de escavação em áreas alargadas (pois sondagens limitadas não revelam o desenvolvimento das arquitecturas), da observação e registo cuidadoso de diferentes plantas e cortes (Fig. 4), procedeu-se à recolha sistemática de amostras de macrorrestos e à crivagem, com crivo de malha fina, de todos os sedimentos susceptíveis de conterem restos de fauna (e de outros restos). Este material, devidamente contextualizado, permitiria (a par de outras recolhas) equacionar os diferentes tipos de usos do conjunto das diversas áreas do Crasto.

A questão do “ritual” e do “doméstico”, como paradigma que percorria a bibliografia arqueológica (BRADLEY 2005), esteve sempre presente a montante e jusante da recolha e análise da documentação, embora, como sabemos, não é possível, nem sequer útil na maioria dos casos, enveredar por explicações que colocam a tónica em tais dicotomias, ausentes, por certo, das comunidades pré-históricas. É assim mais adequado perguntar pela “especificidade de usos” e, enquadrados tanto pela Antropologia como pela Arqueologia, testar as hipóteses que os documentos recolhidos no campo nos fornecem.



Fig. 3- ETS: Estrutura Terminal subcircular, uma estrutura de encerramento/condenação intencional, similar a um “*tumulus*” e localizada no Recinto superior: Plataforma superior Norte.

### 3. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Esta comunicação aborda a criação e utilização dos diferentes espaços do Crasto de Palheiros —situados no Recinto superior, no inferior e respectivos taludes monumentais (e muralhas) que arquitectonicamente os suportam (Fig. 2)—dando ênfase aos resultados obtidos através da identificação das madeiras carbonizadas, das sementes e frutos (FIGUEIRAL & SANCHES 2003; FIGUEIRAL 2008), e ainda aos resultados do estudo da arqueofauna (CARDOSO 2005).

Apesar da ausência de estudos tafonómicos às faunas, é possível discutir o desmanche de animais dentro do sítio, o consumo de animais domésticos —cabra/ovelha, boi doméstico e, vestigial-

<sup>2</sup> Por exemplo, a falta de uma estação total ( ou de um teodolito), que só pudemos adquirir em 2001, impediu que, num sítio com tantos desníveis topográficos, pudéssemos obter um registo correlacionado de todos achados e estruturas.

mente, porco/javali—, as práticas culinárias, “cozinhados”, ou modos de consumo, onde entram também os cereais— trigo, cevada, milho miúdo— e leguminosas— fava e ervilha (Figueiral et al 2006), em contextos de estadia rotineira de pequenos grupos nalgumas áreas do Crasto (Fig. 2); noutras o consumo de carne está ausente.

Por outro lado, a deposição intencional de restos ósseos em áreas/estratos arqueológicos que não apresentam vestígios directos de consumo, é também evidenciada, o que por certo remete para a valorização desses animais (e em particular do boi) no âmbito da mundividência/cosmologia destas comunidades agro-pastoris .

Dado o carácter que os contextos de encerramento intencional apresentam no Crasto, será apresentada uma área situada na Plataforma superior Norte —Recinto superior—(Figs.1, 3 e 4) onde foi construído uma espécie de “tumulus baixo” ou empedrado de configuração subcircular, identificado nas publicações como ETS (Empedrado Terminal Subcircular), e que se encontrava intacto no momento da escavação (encontra-se escavado de modo incompleto). Neste contexto (UE ou Lx. [33]) a deposição de alguns ossos de animais faz-se acompanhar de restos de instrumentos líticos (lascas, percutores e moínhos), e de cerâmica campaniforme muito fragmentada, remetendo, cremos, para a criação de memórias sociais relacionadas com a preparação e consumo de refeições de acesso social restrito e cujos “restos” são aqui selados, como memória, num local extremamente exposto/dominante sobre o exterior (a região circundante).

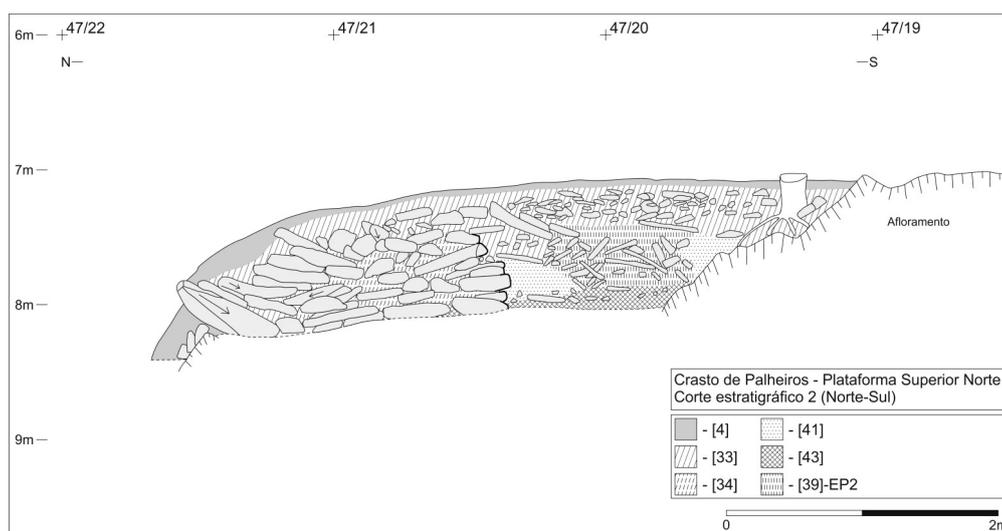


Fig. 4- Corte estratigráfico N-S da ETS (Estrutura Terminal subcircular), identificada na Fig.3. As unidades [33] / [34] e [4] correspondem ao encerramento/condenação intencional, integrando uma estrutura [39]- Estrutura Pétrea 2—também sucessivamente condenada.

Por fim, as condições do ecossistema na periferia do Crasto serão também objecto de comentário já que se procura entender a “proveniência” dos alimentos (vegetais e animais), e em particular do boi. Interpreta-se a sua presença no recinto monumental como decorrente da oferta/obrigação por parte das comunidades regionais para quem o Crasto constitui um local de “investimentos” sociais e políticos de vária ordem e de cujas práticas e significados tais comunidades dependem para se manterem como tal.

#### AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Rafael Morais a elaboração e tratamento das imagens

#### BIBLIOGRAFIA

- BRADLEY, R. 1993. *Altering the Earth. The Origins of Monuments in Britain and Continental Europe*. Edimburg: Society of Antiquaries of Scotland.
- BRADLEY, R. 2005. *Ritual and Domestic Life in Prehistoric Europe*. London and New York: Routledge.
- CARDOSO, J. L. 2005. Restos faunísticos do Crasto de Palheiros (Murça). Contributo para o conhecimento da alimentação no Calcolítico e na Idade do Ferro do Nordeste português. *Portugalia*, XXVI (nova serie), pp. 65-75.
- Figueiral, I. (2008). Crasto de Palheiros (Murça, NE de Portugal): a exploração dos recursos vegetais durante o III/inícios do II milénio AC e entre o I milénio e o séc. II DC. In M. J. Sanches, *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal* (pp. 79-108). Murça: Municipio de Murça.
- FIGUEIRAL, I., & SANCHES, M. J. 2003. Eastern Trás-os-Montes (NE Portugal) from the late Prehistory to the Iron Age: the land and the people. In E. F. (Ed.), *The Mediterranean World Environment and History* (pp. 315-329). Paris: Elsevier.
- FIGUEIRAL, I., SANCHES, M. J., & CARDOSO, J. L. 2006. *Crasto de Palheiros (Murça, NE Portugal): a case study on diet and material culture, from the 3rd to the 1st millennium BC/ Actas do Congresso The Archaeology of Food: culture and identity. Archaeological Institute of America (AIA) annual meeting, 5-8 de Janeiro, Montréal, Quebec (Canadá) (in press)*. Retrieved 2016, from <http://crastopalheiros.no.sapo.pt/artigos.htm>
- JORGE, S. O. 1994. Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras*, IIªserie, XI, pp. 447-546.
- SANCHES, M. J. 2000. As gerações, a memória e a territorialização em Trás-os-Montes (V-II mil. AC). Uma primeira aproximação ao problema. *Actas do IIIº Congresso de Arqueologia Peninsular*. 4, pp. 123-145. Porto: ADECAP.
- SANCHES, M. J. 2008. *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça -Porugal*. Murça: Municipio de Murça.
- SANCHES, M. J. 1997. *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vol. I e II)*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

